

3ª Via  
RS



O VERDUGO

HILDA HILST

1975  
GRUPO GRAL PORTO ALEGRE



**PERSONAGENS:**

O VERDUGO..... Hoemm de 50 anos  
A MULHER DO VERDUGO..... 45 anos, forte. Tom quase sempre amargo, ríspido.  
FILHO ..... jovevm.  
FILHA ..... 28 anos  
NOIVO DA FILHA .....Aspecto pusilânime, tem sempreum sorriso idiota.  
CARCEREIRO ..... ???  
JUIZ VELHO ..... 50 anos  
JUIZ JOVEM ;;;..... 30 anos  
CIDADÃOS ..... Podem ser muitos, mas o que falam são em número de seis.

O HOMEM ..... Deve ser alto  
OS DOIS HOMENS COIOTES . Devem ser altos

\*\*\*\*\* // \*\*\*\*\*

**I ATO**

**ATENÇÃO**

A PROGRAMAÇÃO DO ES-  
PETÁCULO A QUE SE RE-  
FERE ESTE TEXTO ESTÁ  
SUJEITA À APROVAÇÃO  
PRÉVIA DO SCDP/SR-DPF

**Cenário :**

Casa modesta, mas decente. Sala pequena. Mesa rústica. Dois bancos compridos junto à mesa. Um sofá velho. Uma velha poltrona. Uma porta de entrada. Outra porta dando para o quarto. Paredes brancas. Dois pequenos lampiões. Aspecto geral muito limpo. Nessa sala não deve haver mais nada, nada que identifique essa família particularmente. Moram numa vila do interior, em algum lugar triste do mundo. Mesa posta. O verdugo, a mulher, a filha, o filho estão sentados à mesa. A mulher deve estar servindo sopa ao marido. É noite.

MULHER (ríspida) para o verdugo - Come, come, durante a comida pelo menos voce deve se esquecer dessas coisas. Que te importa se o homem tem boa cara ou não ? É apenas mais um para o repasto de terra. ( Pausa).

VERDUGO ( manso) - Voce não compreende.

MULHER - Não compreende, compreendo muito bem, mas que me importa? Não sou eu que faço as leis. E, tou limpa. E voce também está limpo. (Pausa . Começam a tomar a sopa).

FILHO - O pai sabe que é imundície tocar naquela corda que vai meter o ho - mem.

FILHA - Cla a boca, voce.

FILHO - (exaltado) - Porque, porque é que eu tenho de calar a boca? Voce pensa apenas em voce. E se o pai vai ganhar dinheiro por fora desta vez é porque é mais difícil matar aquele homem do que outro.

VERDUGO - Nninguém me faou em dinheiro ainad.

FILHO ( dócil) - Mas vão falar, vão falar. Espera, pai. ( Pausa) O pai sabe que o homem dizie coisas certas. O hoemm é bom.

FILHA - Bom, bom ( com desprezo) ha,ha, ele pos fogoem todo o mundo. Fogo , só isso.

FILHO - Ele é bom.

MULHER - Bondade é dar dinheiro para encher a barriga. Ele te deu dinheiro por acaso?

FILHO - Ele me deu outra coisa.

FILHA - ( com ironia) - E que coisa foi esse ?



FILHO - Você não compreende. Não adianta falar.

MULHER (para o filho) - A sua irmã é uma estúpida para não entender o que você fala? Deixa de ser bobo, menino. Começou a estudar outro dia mesmo.

FILHO - Mãe, o pai sabe que é imundície toar naquele homem.

MULHER - Imundície ou não, não me importa nada. Come. (Pausa) A mim me importa encher a barriga de vocês.

FILHO - O homem falou que encher a barriga é importante, mas que não é tudo.

MULHER - Não? Não? Quem sabe se ele quer encher (e põe a barriga para frente e a contorna com as duas mãos) a barriga das mulheres, hein? É isso que o homem também quer?

FILHO (manso) - Para, mãe. Ninguém aqui na vila quer que o homem morra, a senhora sabe.

MULHER - Ninguém aqui na vila ... E quem são estes coitados? Cuidad ta tua vida menino.

VERDUGO - Deixa o rapaz.

MULHER - Você está sempre do lado dele.

VERDUGO - (manso) - Não é isso. Não é isso.

FILHA - É sim, meu pai. O senhor o defende sempre. Porque? Ele é melhor do que nós? Eu também não sou sua filha?

VERDUGO - Mãe deixa comer.

MULHER - É, nestas horas ele só quer comer.

VERDUGO - O merda, mulher! A minha cabeça aguenta algum tempo, depois eu me esqueço, ouviu? Me esqueço que sou um homem e viro... chegai (Pausa Brando). O homem tem uma cara impressionante. (Pausa).

FILHO - Como ele é bem de perto, pai? (Pausa). Fala.

VERDUGO - O homem tem um olhar... um olhar... honesto.

MULHER - Honesto, ha!

VERDUGO - Limpo, limpo. Limpo por dentro.

MULHER - (com desprezo) - Ah! Isso!

FILHA - Por dentro ninguém sabe como ele é. Ninguém sabe como ele é por dentro.

FILHO - Eu sei como ele é por dentro.

FILHA - Ah, sabe? Fala, então.

FILHO - Por dentro você não tem nada. É oca.

VERDUGO - (manso) - Chega.

FILHA (para o irmão) - Mas vou deixar de ser. Vou casar, vou ter filhos...

FILHO (interrompe e refere-se ao noivo da irmã) - Com aquele? (Faz caras de desprezo).

FILHA - (exaltada) - Com aquele sim. E vou deixar de ver a tua cara. Isso já será um grande consolo.

FILHO - Você só pode se casar se o pai ganhar esse dinheiro.

FILHA - A morte do homem é daqui a três dias.

FILHO - O pai não vai fazer o serviço.



MULHER - Cala a boca menino. Cala. (Pausa). Come. (Pausa).

FILHO - Hein, pai?

VERDUGO (manso) - Não sei, meu filho, não sei.

MULHER (para o filho) - O seu pai precisa descansar. E vai aceitar o serviço sim. (Pra o verdugo manso). Não é?

VERDUGO - (seco) - Não sei.

MULHER - Trata de ficar sabendo logo. Não é o primeiro nas tuas mãos.

VERDUGO (seco) - Ele é diferente.

MULHER - Diferente, limpo, ufi é igual aos outros.

FILHO - Ninguém tem o mesmo rosto.

MULHER - Eu quero dizer que ele é igual a todos os outros filhos da puta que morreram porque a lei mandou. (Para o verdugo sorrindo com ironia), Você se lembra daquele que parecia um anjinho? Hein? Lembra? Todos diziam...

VERDUGO - (interrompe) - Eu não.

MULHER - ... mas os outros diziam: ele tem cara de enjo. É vocês se lembram do que ele fez ( para o verdugo e para o filho). Se lembram? Acho que voces dois não se lembram. (Para a filha). Conta filha porque aquele enjinho foi condenado.

FILHA - (sorrindo) - Ele matou aqueles dois menininhos.

MULHER (irônica) - Só isso?

FILHA (sorrindo) - Não. Primeiro ele queimou a planta dos pés e as mãozinhas dos menininhos.

MULHER - E depois?

VERDUGO (seco) - Já sabemos, chega.

MULHER (para o verdugo) - Não, espera. (Para a filha). E porque ele queimou as plantas dos pés dos meninos e as mãozinhas? Hein, filha?

FILHA (sorrindo) - Porque assim os menininhos não podiam ficar em pé e nem podiam se defender com as mãozinhas.

MULHER - Para fazer aquela porcaria, não é? Então, e muita gente dizia que ele parecia um anjinho.

VERDUGO - Eu não.

FILHO - Mas este é diferente, não é nada dieto, mãe. Esse só falou.

MULHER - Deve ter falado besteira.

FILHO - Ele falava de Deus, também.

MULHER - Deus, Deus, onde é que está este Deus? (Para o filho). Não foi você mesmo que andou lendo que naquele lugar, lá longe...

FILHO (interrompe) - Na Índia.

MULHER - Sei lá, na Índia, onde for, as criancinhas de seis anos vão para o puteiro? Deus, Deus ... e depois não foi você mesmo quem disse que se elas não fossem para os puteiros aos seis anos elas morreriam de fome? Hein?

FILHO - Foi, sim, mãe, fui eu mesmo.

MULHER - Então deixa teu pai fazer o serviço. Se Deus não consegue ajudar aquelas criancinhas você acha que este homem é que vai nos ajudar? (Pausa).

FILHO - (para o pai) - O pai não quer fazer, não é?

MULHER - E tá é a profissão do teu pai.



- FILHO (olhando para o pai) - Verdugo.
- MULHER - Verdugo, sim. Uma profissão como qualquer outra. (Pausa).
- VERDUGO - Mas este homem eu não quero matar, mulher.
- MULHER (impaciente) - Mas não é você quem vai matar. É a lei que mata. Você é o único aqui na vila que pode fazer o serviço. Ninguém mais. Ora, que besteira.
- VERDUGO - Mas a gente da vila não quer que o homem morra. O povo...
- MULHER (interrompe) - Dêixa disto, o povo é filho da puta, eles fazem assim só pra não dar o gosto para aqueles juizes.
- FILHO - Os juizes estavam cansados. Você viu, mãe? Eles quase se deitavam sobre a mesa. O rosto dos dois estava branco. E as mãos também. Eles suavam.
- MULHER - Pudera, com aquela roupa negra.
- FILHO - Eles suavam de medo.
- FILHA - Medo! Juiz algum tem medo?
- FILHO - U... deles tinha os olhos vermelhos.
- FILHA - Estava resfriado.
- FILHO - Resfriado nada. Parecia até que tinha chorado.
- FILHA - Um juiz chorando! Que imaginação!
- FILHO (querendo terminar a discussão) - Tá bem. Devia ser o calor.
- FILHA - Estava frio.
- FILHO - Frio! Você está louca.
- FILHA - Eu sentia frio.
- FILHO - Você sentia era medo.
- FILHA - Medo do que?
- FILHO - Medo do homem.
- FILHA - Mas você é besta mesmo, não? Porque eu havia de sentir medo daquele homem? O homem não é nada meu. É só um homem que falava, falava... (Pausa) Idiota.
- FILHO - O homem é bom de perto, pai?
- VERDUGO (manso) - Não sei, meu filho, não sei. (Pausa). É muito difícil para mim. É assim como se eu tivesse que cortar uma árvore, você entende? Eu nunca derrubei uma árvore, eu não saberia, é difícil, não é meu ofício.
- MULHER - Uma árvore... Você cortou cabeças, enfoca gente e fala de árvore. Parece que ficou louco.
- VERDUGO - É diferente, mulher. É diferente. Esse homem é como se fosse uma árvore para mim. (Pausa).
- FILHO - Que cara aquele tem bem de perto, pai?
- MULHER - A mesma cara de longe. (Pausa)
- FILHO (para o pai) - E as mãos? Eram bonitas de longe.
- FILHA (com desprezo) - Bonitas! Eram mãos.
- FILHO (maravilhado) - Grandes (Pausa)
- VERDUGO - De perto, meu filho... ele parecia o mar. Você olha, olha e não sabe direito para onde olhar. Ele parece que tem vários rostos.
- MULHER - Todo mundo só tem um rosto.
- VERDUGO (para o filho) - de repente, ele olha firme, você sabe? Assim como se

eu te atravessasse. É muito difícil olhar para ele quando ele olha assim. E depois ... ele também pode olhar de um jeito ... Você se lembra de um cavalo que um dia te seguiu?

FILHA ( rindo ) - Quem é que não se lembra? O cavalo não aguentava subir a - aquela ladeira. O dono do cavalo dava umas pauladas no focinho do coitado. (Ri para o irmão). Ai voce gritou: se voce é tão ancho para bater em mim como bate naquele cavalo, eu corto o meu ... (ri) e pulou em cima do homem como um leão. O coitado fugiu como doido. E o cavalo só podia te seguir, lógico, (ri) Até o cavalo copreedeu. Foi engraçado aquele dia. (Todos riem). (pausa).

VERDUGO (para a filha) - Mas voce se lembra dos olhos do cavalo?

FILHO - Eu me lembro sim, pai, eu me lembro. (Pausa)

VERDUGO - Pois o homem tem às vezes aquele olho.

FILHO - Então ele é bom, pai.

MULHER - Mas o que adianta voces ficarem falando que ele é bom, se ele tem os olhos de cavalo ou não? ( Para o filho). O homem tem de morrer e é o seu pai quem vai fazer o serviço. E vai ganhar bem desta vez. Va se co meçar outra vida, tenho certeza. (Batem na porta)

MULHER ( para a filha ) - É o teu noivo. Abre. (A filha vai até a porta. Abre e fecha rapidamente. Entra o noivo).

FILHA (para o noivo meigo) - Voce chegou tarde hoje.

NOIVO ( para todos, sorrindo idiota ) - Boa noite.

VERDUGO (seco) - Boa noite.

MULHER (amável) - Boa noite meu filho. Sente, Já jentou hoje? ( O noivo faz cara apreensiva). Mas que cara!

NOIVO (para o verdugo) - Tem gente aí querendo falar com o senhor.

VERDUGO - Que gente?

NOIVO (sorriso idiota) - De homens ... de preto.

MULHER (apreensiva) - De juizes?

NOIVO - É

FILHA (para o noivo) - E voce fechou a porta?

NOIVO - Voce é que fechou.

MULHER - E a casa desse jeito. Nem tirei a mesa. ( Tente tirar as coisas de cima da mesa).

VERDUGO - Manda entrar, mulher, vai. Eles sabem que a casa é assim mesmo. (A mulher vai abrir a porta).

MULHER - Entrem por favor excelências. (Os juizes entram) Não esperávamos. E tá tudo ainda... ( mostra a mesa em desordem).

JUIZES (interrompendo, para todos) - Boa noite

FILHO e NOIVO - Boa noite.

VERDUGO(seco) - Boa noite. ( O filho do verdugo cumprimenta apenas com a cabeça).

JUIZ VELHO - Fiquem tranquilos. Nós só viemos para combianr.

MULHER(servil) - Por favor sentem, Excelências, por favor.

JUIZES ( sentando-se ) - Obrigado. (Pausa longa)

JUIZ JOVEM (para a mulher) - A ~~mulher~~ moça vai casar, não é?



MULHER - Esperamos, mas (apontando para o noivo) ele está sem serviço. (P  
(Pausa longa).

JUIZ JOVEM - Tudo se arruma, não é?

MULHER - Seria um presente do céu, EXcelência.

JUIZ JOVEM - Pois é. (Pausa longa)

JUIZ VELHO - Vão melhorar de vida.

MULHER - Se Deus quiser, Excelência.

JUIZ VELHO - Parece que Deus quer. (Pausa).

JUIZ JOVEM (para a mulher) - Mas...

MULHER (interrompe) - P ou oferecer alguma coisa?

JUIZ JOVEM - Não, não, temos um pouco de pressa. Ainda não fomos para as  
as nossas casas. Nem podemos tirar essa rupa (olha para a toga).

FILHA (fazendo a mulherzinha para o juiz jovem) - É bonita esta roupa.

JUIZ JOVEM - É pesada.

FILHA - Mas é bonita.

JUIZ VELHO (para a filha) - Então vai-se casar.

FILHA - Acho que sim (olha para o noivo), não é (olha para o juiz jovem, sorri  
Os juizes sorriem. Pausa).

JUIZ JOVEM (para o verdugo) - Sem o senhor sabe como é... o homem... tem de  
morrer.

MULHER - Sabemos, lógico. Tem de morrer.

JUIZ JOVEM - Não há outro jeito.

JUIZ VELHO (para o verdugo) - Ele falou demais. O senhor compreende? A bo-  
ca deve ter uma medida.

JUIZ JOVEM - Certas palavras não devem ser ditas.

MULHER - Ele falava muito é verdade.

NOIVO (sorrindo idiota) - Ele falava coisas sem sentido.

JUIZ JOVEM - Confundi todo mundo.

FILHA (sorrindo para o juiz jovem) - Eu não entendia bem o que ele falava.

JUIZ VELHO - Nem era para entender, minha filha. Ninguém entendia.

FILHA (olhando para o juiz jovem. Sorrindo) - E depois sempre havia tanta  
gente... Eu não conseguia chegar muito perto.

MULHER (para os juizes) - A gente é curiosa. Só ia para ver, ver como era,  
os senhores sabem.

JUIZ JOVEM - Compreendo é a novidade. (Pausa)

NOIVO (sorriso idiota) - Aqui a gente tem nada pra ver.

JUIZ VELHO - Claro. (Pausa).

JUIZ JOVEM (para o verdugo) - O senhor já está se preparando, então.

MULHER - Ah, sim, ele não precisa se preparar muito. (Sorri). É o ofício de  
le, de sempre (para o marido), não é?

FILHO - O pai não respondeu.

MULHER - Via sendo, menino. Você não tem a escola?

FILHO - Hoje eu não vou à escola.

MULHER - Imagine, vai de qualquer jeito, vamos.

JUIZ JOVEM - Espere um pouco senhora. (Olha o rapaz) O moço quer dizer alguma  
coisa?



MULHER - Ele não quer dizer nada, Excelência. Ele é um menino, só isso.

(Para o filho). Vai.

JUIZ JOVEM - Não ele quer dizer alguma coisa.

JUIZ VELHO - Pode falar, moço. O que é? (Pausa). Hein? (Pausa).

FILHO - O homem é bom.

MULHER - Cala a boca.

JUIZ JOVEM - Deixe, Senhora.

JUIZ VELHO - (Para o filho) - É bom? Porque? (Pausa).

FILHO - Ele nunca fez nada de mal.

JUIZ VELHO (Para o filho) - Você acha que a lei se enganou, meu filho?

MULHER - Por favor, excelência, o meu menino não sabe de nada. Começou a estudar a pouco tempo.

JUIZ VELHO (Insistindo) - Hein, moço? A lei se enganou? (Pausa).

FILHO - Eu disse que o homem é bom.

JUIZ JOVEM - Você acha que é bondade falar o que ele fez?

NOIVO ( O mesmo sorriso) - O meu colega do meu emprego antigo morreu naquela dia, quando o homem falou.

JUIZ VELHO (Para o filho) - Então, meu filho.

FILHO (Para o noivo) - Morreu porque mataram. Não foi o homem que matou.

JUIZ VELHO (Para o filho) - Morreu, meu filho, porque o homem enlouqueceu as gentes. Agitou.

FILHO - Ele falou de Deus também.

JUIZ JOVEM - Deus não é alguém que vive na boca de esse homem. Deus está dentro do nosso coração. Não é preciso falar dele a toda hora. (Pausa).

JUIZ VELHO (Para o verdugo) - Então... o senhor está preparado?

JUIZVELHO - Está...

MULHER - Claro que está excelência.

JUIZ VELHO - Mas ele não responde.

MULHER (para o verdugo) - Fle, homem, eles não podem perder tempo.

(Para os juizes) Ele é um bom profissional. Nunca precisou de ajuda. A mão dele é firme, grande (precura mostrar a mão do verdugo para os juizes. O verdugo encalha as mãos).

VERDUGO ( para a mulher, seco) - Deixe pra lá.

MULHER - Mas o que é que tem mostrar a tua mão para os excelências?

(Insiste, pega nas mãos do verdugo) . Estica. Estica, assim.

VERDUGO (impaciente) - Me larga mulher.

MULHER (irritada) - Mas o que é? O que é?

JUIZ JOVEM (para a mulher) - Nos sabemos que ele é um bom profissional.

JUIZ VELHO (Para o verdugo) - Não se incomode. (Pausa longa). (Silêncio constrangedor. Todos olham fixamente para o verdugo e de repente o juiz parece que vai falar, mas o verdugo o interrompe).

VERDUGO (Objetivo) - Eu não estou preparado. (Os juizes entrecolhem-se . examinam atentamente o verdugo).

JUIZ JOVEM - Mas não é este a sua profissão?

JUIZ VELHO - Não é o seu dever? Cumprir a lei?





- FILHA - O pai está cansado, é isso. Passou o dia inteiro lá, vendo o pecc do homem, preparando tudo, os senhores sabem.
- JUIZ JOVEM (Para a filha) - Mas é preciso saber se o seu pai está preparado para a execução.
- MULHER (Para o verdugo) - Fale!
- FILHO - O pai não quer.
- VERDUGO (Cabisbaixo) - Não é bem assim... não é... é que... não me sinto capaz.
- JUIZ VELHO - Mas isso é para nós um terrível contratempo. O senhor sabe que é o único na vila credenciado para esse serviço.
- VERDUGO - Eu sei. (Pausa).
- MULHER (Para o verdugo) - Fale de uma vez o que é, homem. (Pausa).
- VERDUGO (Para os juizes) - Eu acho que o homem não merece, os senhores entendem?
- JUIZ JOVEM - Não merece o que? (Pausa).
- VERDUGO - A morte. O homem não merece a morte.
- JUIZ VELHO - Mas isso já foi decidido. Ele foi condenado.
- JUIZ JOVEM (Para todos) - Os senhores viram que fizemos todo o possível.
- NOIVO - É o impossível, Excelências. Vamos muito bem.
- JUIZ JOVEM (Para todos) - Ele teve todos os direitos. Fizemos tudo.
- JUIZ VELHO (Para todos) - Nada lhe foi negado. Então... (Pausa).
- VERDUGO - Mas ninguém ficou satisfeito. A gente toda na vila...
- JUIZ JOVEM (Interrompe) - Mas não é a vila que julga o homem. Pra isso nós existimos. Já dissemos foi tudo dentro de lei.
- JUIZ VELHO (Para o verdugo) - Procure entender... escute: o senhor terá... regalias.
- VERDUGO - Que regalias?
- JUIZ VELHO - Terá auxílio.
- VERDUGO - Dinheiro?
- JUIZ VELHO - Um auxílio.
- VERDUGO - Mas nunca foi preciso qualquer coisa além daquilo que eu ganho, para fazer o meu serviço.
- JUIZ JOVEM - Mas... como é um caso difícil, nós entendemos que seria justo ajudar o senhor.
- VERDUGO - Difícil?
- NOIVO (Sempre com o mesmo sorriso alvar) - A vida é difícil para todos, não? Eu, por exemplo...
- JUIZ JOVEM (Para o verdugo) - Difícil, sim, porque as pessoas não querem entender.
- VERDUGO - Mas eu também não posso entender.
- FILHA ( em tensão) - Não fez assim, pai. (Pausa).
- MULHER (Levanta-se, objetiva) - Quanto é o auxílio, Excelências? (Pausa).
- JUIZ JOVEM - É... ode alguns milhões.
- MULHER (Surpresa) - Alguns milhões?
- JUIZ VELHO - Doze... Treze.
- FILHA - Meu Deus! (Sorrindo). Meu Deus! (Pausa).
- JUIZ VELHO (Para o casal de noivos) - Vocês pensam em fazer uma casa a-



qui na vila?

- FILHA (Sorrindo) - Nem sei ( olhando para o noivo e para o juiz jovem).  
Nem sei.
- JUIZ JOVEM (Sorrindo para a filha) - Eu tenho alguns terrenco muito bone. - Junto à praça. (Olha para o noivo também). Se quizerem, podem falar comigo depois de a manhã. (Olha para a filha. Sorri mais abarto). Podemoe combinar.
- NOIVO (Para a noiva) - Combina sim. (Para o juiz). Ela vai, ela vai.
- FILHA (Para o juiz. Sorri) - Depois de amanhã. (Para a mãe contente).  
Mãe, a gente vai ter tudo.
- FILHO (Seco) - Depende do pai. Ele ainda não respondeu. Todos olham para o verdugo. (Fausse tensa).
- MULHER (Para o verdugo) - Voce não vai fazer? (Pausa). Hein? (Pausa). P Pois eu faço.
- VERDUGO (Encarando-a) - Faz o que mulher?
- MULHER (Para o verdugo, encarando-o) - Se voce não fizer o que eles mandam, eu faço.
- FILHO (Enojado) - A mãe faz o serviço do pai? Vai matar o homem?
- MULHER - Matar o homem... Que jeito de falar, Eu quero que as Excelências saibem que eu posso cumprir a lei.
- FILHO (Enojado) - Mãe voce está louca.
- MULHER (Irrada) - Eu posso fazer o serviço que o seu pai faz, mas que a gora por estupidez não quer fazer. Ninguém vai desconfiar de nada, Eu sou do tamanho dele (anacoate-se ao verdugo), olhem. E tem o ce-puz. (Todos estão surpresos).
- NOIVO - A senhora não vai saber... vai?
- VERDUGO (Ainda sem acreditar) - Eu é que sou o verdugo, mulher.
- MULHER - Qualquer um pode ser verdugo.
- VERDUGO (Lentamente) - Fica quieta.
- MULHER (Para os juizes) - Os senhores não me deixem fazer o serviço? (Os juizes abaixam a cabeça. Pausa longa).
- MULHER (Para o verdugo) - Claro, homem eles deixam. (Os juizes conti - num calados).
- VERDUGO (Para os juizes) - Os senhores vão dar consentimento?A lei não permite.(Silêncio um pouco esticado).
- FILHO (Em tensão) - Isto está certo. O pai tem razão. Não é permitido.
- FILHA (Desesperada, para o irmão) - Voce quer entregar a nossa vida? Sai da qui.
- JUIZ JOVEM - Deixa, ele pode ficar. ( Aproxima-se do jovem). Olha, moço, voce vai entender. (Para o verdugo). O senhor também. Não temos muito tempo para explicar... mas.. de uma certa forma, também cum-primos ordens. Há gente mais importante do que nós. Devemos dar atenção a certa gente.
- FILHO - (Para os juizes) - Canalhes!Canalhes!
- MULHER (Para o filho) - Cele a boca seu desgraçado.
- JUIZ VELHO (Aproximando-se do filho) - Meu filho, escute. (Põe a mão no ombro do filho).
- FILHO (Para o juiz velho) - Sai, não me pega.



MULHER (Gritando) - Você responde assim pra<sup>s</sup> Excelências?

JUIZ JOVEM = Escútem, não façam tanto berulho, afinal, não queremos complicações.

MULHER = É claro, Excelência, mas estou perdendo a cabeça com esse menino.

JUIZ VELHO - O moço não tem culpa. Pensa que o pai está certo.

FILHO (Emocionado) - Eu sei que o pai está certo de não querer matar o homem, porque o homem não fez nada. Nada!

JUIZ JOVEM - Moço, não vamos discutir isso com voce

VERDUGO - O meu filho sabe que ...

JUIZ VELHO (Intrrompendo) - Nem com o senhor. (Pausa. Os juizes entre olham-se, refletem, caminham, etc.).

JUIZ JOVEM (Para a mulher, objetivo) - A senhora acha que pode fazer o serviço?

MULHER (Olha para o marido, para o filho, hesita um pouco, mas olha em seguida para a filha e resolve) - Posso muito bem. Até...

VERDUGO (Muito emocionado) - Mulher, não fala assim. Você não vai fazer nada.

MULHER (Exaltada) - Não vou fazer? Eu não tenho medo de voce. Eu é que sei... Entra ano, sai ano, é sempre esse desassossego de não saber o que vai ser de nos. (Olha para os juizes). Deviam pagar melhor os verdugos, sem eles a vida não fica fácil nem para Vo<sup>s</sup>as Excelências. Sem os verdugos não há segurança. (Para o marido, suplicante). Homem, pensa no teu filho também...

FILHO - Não me mete nisso, mãe, eu peneo como o pai.

MULHER - Ah, pensa? Não é voce, seu desgraçado, que diz todo dia que não quer ser mandado por ninguém? Que quer correr o mundo e falar com as gentes? E voce pensa que vai poder fazer o que quer se não estudar? E Para estudar precisa dinheiro, desgraçado, dinheiro.

FILHO - Eu não quero mais nada, mãe, eu não quero nada a custe desse homem.

FILHA - Mas esse homem já está morto imbecil.

JUIZ VELHO - Isso é verdade, moço. Pela lei, ele já está morto.

NOIVO (Para o filho) - Olha, meu chapa, a vida é assim mesmo. Todo mundo morre.

FILHO (Para o noivo) - Seu molenga fedido.

FILHA (Para o irmão) - Eu te mato se voce falar assim com ele.

JUIZ JOVEM - Fiquem quietos, por favor. Se continuarem assim, temos de ir embora e tentar descobrir outro verdugo noutra lugar.

MULHER - Arranjar outros? Dar o dinheiro pra outro? Não tem ninguém pela redondeza, Excelência. Os senhores teriam de viajar muito, e ninguém vai querer. E não há mais tempo.

JUIZ VELHO - Pois é por isso é que estamos aqui. Mas seu marido não quer o auxílio. (Batidas leves na porta).

MULHER - Bateram.

FILHA - Não

MULHER - Bateram sim. Eu ouvi. (Batidas fortes).



- NOIVO - A essa hora? (A filha encaminha-se até a porta).
- JUIZ JOVEM - Espere, não abra. (Vai até a porta) . Quem é? Fala quem é?
- VOZ DO CARCEREIRO (Aflito) - Sou eu, sou eu, o carcereiro. Eu preciso falar com as Excelências.
- MULHER (Recessa) - O carcereiro.
- JUIZ VELHO (Intrigado) - A essa hora .
- MULHER - É melhor abrir.
- NOIVO - Esperem, pode não ser lei. Pode ser truque.
- JUIZ VELHO (Indo até a porta) - Tem alguém junto com você?
- VOZ DO CARCEREIRO (Aflito) - Não tem ninguém, abre por favor. Abre.
- (O juiz velho abre a porta, Entra o carcereiro).
- CARCEREIRO (Afobado) - Boa noite para todos. Excelências, o pessoal está preparando alguma coisa. Tem uma coisa no ar.
- JUIZ VELHO - Que coisa, homem? Você está assustado.
- CARCEREIRO - Eu não me assusto com pouca coisa, Excelência.
- NOIVO - Ele é um homem muito valente.
- FILHO - O que é que você sabe da valentia dele, seu bobo?
- FILHA + (Para o irmão) - Cala essa boca.
- NOIVO - Ele deu na cara daquele que matou os menininhos.
- FILHO - O homem estava com as mãos emarradas. Bela valentia essa.
- JUIZ VELHO - Silêncio, por favor.
- JUIZ JOVEM (Para o carcereiro) - Diz direito o que é que há, homem.
- CARCEREIRO (Um pouco grotescamente) Eu estou lá em minha mesa. O homem está quieto. Ele fica num canto da cela, de costas para mim. É o jeito dele, já me acostumei. De repente, ouço um grito lá fora: (grito) A vida! A vida!
- JUIZ VELHO - Não grite assim.
- CARCEREIRO - Desculpe, Excelência.
- JUIZ JOVEM - É depois?
- CARCEREIRO - Seja depressa. É só aquela escuridão. Nada. (Pausa).
- JUIZ VELHO - Continuo achando que você está assustado.
- CARCEREIRO - Eu sei o que digo, Excelência. É preciso apressar a morte do homem. Se demorar muito, acontece desgraça.
- JUIZ VELHO - Volto pra lá. Nós vamos dar um jeito.
- CARCEREIRO - Eu tranquei tudo muito bem. Nem o demônio abre.
- JUIZ JOVEM - Mas volte pra lá. Tudo se arranja.
- CARCEREIRO - Boa noite prz todos, então. (Para o filho). E você deixa de ser atrevido, hein...
- JUIZ VELHO - Vai, vai. (O carcereiro sai. Pausa longa).
- (Para o verdugo) - O senhor já verificou tudo? A altura, o peso do homem? (O verdugo olha para o filho e depois para o juiz. Confirma com a cabeça).
- JUIZ VELHO (Para o verdugo) - Quer dizer que lá está tudo preparado? Lá na praça?
- VERDUGO - Sim... Mas... o que os senhores vão fazer?
- MULHER - Vão fazer o que é preciso.
- VERDUGO - Não. Os senhores não vão matar o homem agora. Isso não pode

ser feito assim. Assim não.

FILHA (voz de choro) - Meu Deus, pai, pensa na nossa vida. Quem é esse homem pra você? Um homem que dizia coisas que ninguém sabia direito o que era...

VERDUGO (Interrompe) - Assim não.

JUIZ VELHO - Nos não vamos executar o homem agora.

JUIZ JOVEM - Me e tem de ser amanhã.

NOIVO - Amanhã (olhe o relógio). Amanhã já é hoje. É tarde.

JUIZ JOVEM - Então hoje bem cedo.

VERDUGO (Para os juizes) - Mas está marcado para depois de amanhã. Com a presença do povo.

JUIZ VELHO (Para o verdugo) - O povo estará presente hoje. Nos vamos tocar o sino da Igreja. Mas é preciso que seja hoje. (Pausa). (Brando) Eu peço ao senhor... vamos... faça o que lhe cabe.

FILHA (Aproximando-se do verdugo) - Faz, pai.. Senão eles dão o dinheiro para um outro.

VERDUGO (Espurrando a filha para os juizes) - O homem não fez nada. Ainda tem esperança.

MULHER - Mas que esperança? Não tem nenhuma esperança.

FILHO - O pai acha que tem.

JUIZ JOVEM - Eu posso obrigar o senhor a fazer. Mas não quero obrigar.

JUIZ VELHO - Nos somos a lei. Não somos a polícia.

VERDUGO (Tentando convencer os juizes) - Excelências... é muito difícil para mim... eu não sei explicar... alguma coisa está me impedindo de fazer isso. O homem entrou no meu peito, os senhores entendam? Ele falava que tem preciso... amor... ele falava...

MULHER (Com desprezo) - Amor! Amor! É o que tem isso?

JUIZ VELHO - Em nome do amor acontecem beixozes.

FILHO - Que beixozes?

JUIZ JOVEM - As palavras do homem eram palavras do fogo.

FILHA - Foi o que eu disse. Ele põe fogo na gente. (Pausa).

JUIZ JOVEM - Amor... é condimento.

JUIZ VELHO - Mansidão.

NOIVO - Amor não é falar daquele jeito.

FILHA - Ele ficava rosado quando falava.

MULHER - Ele estava nem era cheio de ódio sempre.

FILHO (voz alta) - Ele precisava falar daquele jeito para os outros entenderem.

FILHA - Pois eu não entendi o que ele falava.

FILHO - Não mente. Você sabe muito bem o que ele falava.

JUIZ VELHO - Amor... é respeitar o povo. Ele não respeitou vocês. Ele insultava vocês.

VERDUGO - Insultava? Não sei disso.

JUIZ JOVEM - Ele chamava vocês de coiotes. (Verdugo e filho entreolham-se)

NOIVO - O que é isso?

FILHA - O que é um coiote?

JUIZ JOVEM - Um animal. Um lobo.

MULHER (para o filho) - E você defende um homem assim?



- FILHO (para a mulher, exaltado) - Não é isso, mãe. Ele dizia que os coiotes não costumam viver eternamente amuitados. Que é preciso sair da moita.
- MULHER - E o que é que nós temos com os coiotes?
- JUIZ VELHO (para o filho) - Sair da moita para caçar?
- FILHO (exaltado) - Para que vejam ao menos as nossas caras de coiotes e respeitem a gente. E se nos respeitarem, nós poderemos um dia ... (lentamente) achar o nosso corpo de pássaro e levantar vôo. (Objetivo) Mas primeiro é preciso mostrar a cara de coiote.
- MULHER (com desprezo) - Pássaro... coiote... o homem é louco.
- JUIZ JOVEM (aproximando-se do filho) - E como é a cara de um coiote?
- FILHO (encarando fuzamente o juiz com uma expressão de dureza e ameaça) - Uma cara... assim (Batidas fortes na porta).
- VOZ DO CARCEREIRO (aflições) - Excelências, abram.
- JUIZ JOVEM - O carcereiro outra vez.
- JUIZ VELHO (para o jovem) - Abre. (O juiz abre rapidamente a porta).
- CARCEREIRO (entra afoito) - Não é possível esperar ~~mais~~ mais. Agora a tiraram uma pedra na janela. Saio para pegar o desgraçado e nada. A escuridão outra vez. (todos entreolham-se). Mandem fazer o serviço depressa, Excelências, acreditem em mim, eu já estou ficando doente. (pequeno silêncio).
- MULHER (para a filha) - Traz o capuz. (A filha fica imóvel olhando para o pai).
- VERDUGO (para a mulher, com enorme espanto) - O quê?
- MULHER (para a filha, voz de comando com violência) - Traz o capuz. (A filha entra no quarto correndo).
- VERDUGO (para a mulher) - (Como se visse a mulher pela primeira vez). Você tem coragem! Você tem coragem de enganar o povo! O verdugo sou/ eu.
- MULHER (para o verdugo) - Cale a boca. Eu sei o que faço.
- VERDUGO (irado, mas com voz baixa) - A mulher me manda calar boca! (A filha volta nesse instante com o capuz preto nas mãos, mas pára, vendo a fisionomia terrível do pai). Calar a boca! (Investe contra a mulher). Sua porca! (Começa a esbofeteá-la). Miserável! (O filho / tenta intervir, dizendo ao mesmo tempo "Pai, não, não" mas como o verdugo não pára, os juizes, o carcereiro e o noivo avançam e lutam para imobilizar pai e filho. (Conseguem).
- FILHO - Larguem o pai, larguem o pai. (O filho tenta deevencilhar-se mas o carcereiro tira rapidamente uma corda fina do bolso e com um gesto simultâneo contorna o pescoço do rapaz e amarra-lhe as mãos. Depois puxe-o até e mesa, corta com uma faca uma porção da corda e começa a amarrar-lhe os pés, enquanto os juizes e o noivo seguram/ violentamente o verdugo).
- VERDUGO - Miseráveis, miseráveis! (O carcereiro termina rapidamente de amarrar o rapaz e com o resto da corda amarra as mãos e os pés do verdugo).





- FILHO - Canalhas, bundo de porcos! (O carcereiro esprezura o verdugo e o filho, obrigando-os a sentar no chão. A filha não dá o que falar, olha para todos, tenta aproximar-se do pai).
- VERDUGO - Filha (A filha pára. Os outros estão surpresos por terem coneguido tento).
- FILHO - O que vocês vão fazer conosco?
- JUIZ VELHO - Apenas deixé-los aqui para não atrepulharem o serviço.
- JUIZ JOVEN (para mulher) - Foi preciso. Depois trançamos tudo.
- FILHA (um pouco atemorizada) - Então troca de roupa, mãe. Põe uma calça/ do pai, troca os sapatos. A mulher entra no quarto).
- VERDUGO (para a filha) - Esse dinheiro vai queimar a tua carne.
- FILHA (tom suplicante) - Pai, o homem já morreu. Não sabes nós que vamos matá-lo. Ele já está morto. Só falta a terra em cima de cara.
- VERDUGO - Está vivo. Vivo igual a mim.
- FILHA - (Suplicante, chorosa) - O senhor não vai aguentar muito tempo fazendo o serviço. (Aproxima-se do pai) - Não vai aguentar. O senhor é bom demais... e os outros pisem em nos quando não se tem dinheiro. (Faz entre choroso e contente). Nos vamos ter coisas, vamos ter muitas coisas.
- VERDUGO (Enojado) - Que coisas?
- FILHA - Uma casa melhor, roupas.
- VERDUGO (Enojado, voz crescente) - Uma casa? Este não é uma casa? O que eu tenho no corpo não é roupa? O que voce veste não é roupa? O que voce come não é comida?
- FILHA (Com ódio) - Não, é lixo. É lixo.
- NOIVO - A gente quer melhorar. A gente é jovem.
- VERDUGO (Para o noivo) - Maricão.
- FILHA (Para o pai) - O senhor não precisa falar assim com ele. Ele é um homem igual a todos.
- VERDUGO - Um rato.
- FILHA (Com ódio) - Um rato que me serve. (O noivo continua sorrindo).
- JUIZ JOVEN - Perem. Já temos muitos problemas.
- JUIZ VELHO - E não temos mais tempo. (A mulher do verdugo volta do quarto. Veste calças compridas, sapatos masculinos e capuz preto).
- JUIZ JOVEN (para mulher) - Deixe ver. (Examina-a).
- JUIZ VELHO - Parece que está bem.
- CARCEREIRO (Para a mulher) - Recorda um pouco as mãos, dona. São aquelas que se delas.
- NOIVO - A senhora ficou bem mesmo.
- FILHO (Para o noivo) - Fedido.
- NOIVO (Para o filho) - Olha (aproxima-se), se voce continuar com essa feia...
- FILHO - Cão lazerente. (O noivo aproxima-se mais) - Porco. (O noivo esboça farsa o rapoz).
- MULHER (Para o noivo) - Pare com isso.
- FILHO (Para o noivo) - Só assim mesmo, canalha. Só eu amarrado.

JUIZ JOVEM (Para o carcereiro) - Olhe preste atenção. Tire o homem de lá. Nos todos ficamos do lado de fora, vendo se há alguma novidade. (Põe a mão no bolso da toga e mostra um capuz branco). Depois cobrimos a cabeça do homem com esse capuz. Em seguida vamos até a praça. Sem muito ruído, hein?

MULHER (Para o juiz jovem) - O senhor é prático. (Olha para o filho). Pensou em tudo, não?

VERDUGO (Emocionado) - Você vai matar o homem durante a noite?

FILHO - Mãe não vai. Eu nunca mais te olho na cara.

MULHER - Não é preciso que me olhe na cara. Quando muito o que vocês descobrem é se alguém tem olho de cavalo ou não. Eu tenho olho de gente. (Aproxima-se do filho). De gente. (Pausa). Vocês vão se agradecer de pois. Me agradecer.

JUIZ JOVEM - Vamos andando.

CARCEREIRO - Eles estão bem arrumados.

JUIZ VELHO (Para o carcereiro) - Tira a chave. (O carcereiro tira a chave da porta).

JUIZ JOVEM (Para o noivo) - Apaga as luzes. (O noivo apaga as lâmpadas e sorri para o verdugo e o filho. Batem a porta. Trancam. Semi-obscuridade. (Pausa). Soluços discretos do verdugo. (Passos afastando-se).

FILHO - Pai, o senhor... não chora, pai.

VERDUGO - É bom, é bom, deixa. (Pausa).

FILHO - O senhor não tem culpa. O senhor fez o que pode. Quem sabe se está certo o que disseram: o homem já está morto.

VERDUGO (Recompondo-se) - Nada disso, filho, nada disso. O homem está bem vivo. Essa lei dos homens está bem vivo mas não conta.

FILHO - Este é a única lei que conta. O senhor não viu? (Pausa).

VERDUGO - Ele apertou a minha mão. Ele apertou a minha mão de um jeito...

FILHO (Interrompendo) - Ele pegou na mão do senhor? Quando?

VERDUGO (Emocionado e como se falasse consigo mesmo) - Ele apertou a minha mão...

FILHO (Interrope) - Falou?

VERDUGO - Sim;

FILHO (Curiosidade angustiada) - O que, pai?

VERDUGO - Eu não entendi o que ele quis dizer.

FILHO - Mas o que, pai? (Pausa).

VERDUGO (Repetindo as palavras do homem) - Nós somos um só. Eu e você somos um só.

FILHO - Somos um só? (Pausa). Ele quis dizer que o senhor é igual a ele?

VERDUGO - Mas eu sou um verdugo. Ele não. Não tem sentido.

FILHO (Repensando as palavras do homem) - Não sei... olha... ele vai morrer... e alguns morrerão por causa dele, um dia.

VERDUGO - Eu não compreendo filho.

FILHO - É assim: eles morrem nas mãos de um verdugo... que seria o senhor. Outros mais tarde, morrerão pelas coisas que ele falou? (Repensando). E se for assim, ele também será como um verdugo, o senhor compreende? Será que é isso que ele quis dizer?



VERDUGO - Acho que não é isso. E depois os verdugos existem a tanto tempo e esse homem parece o primeiro sobre a terra. Eu nunca vi um homem assim.

FILHO - A gente talvez não saiba, mas devem ter existido. Se existiram muitos verdugos... também existiram muitas vítimas, (Repensando). E Eles podem ser iguais?

VERDUGO - Quem meu filho?

FILHO - Os verdugos e as vítimas?

VERDUGO - Não sei, meu Deus, eu sei que sinto como se estivessem me lembrando a minha morte. (voz Alta) . Nos precisamos sair daqui, a sua mãe...

FILHO (Interrompe) - A minha mãe... não fala, não fala, eu morro de vergonha. (Pause).

VERDUGO (Lentamente) - Ela era paciente. Tudo mudou... na noite em que fui verdugo pela primeira vez. Quando voltei para casa e me deitei sem comer e sem dizer uma palavra, ele perguntou: Você não vai aguentar? Eu disse o que você acabou de dizer: não fale, não fale, eu não posso me mexer de vergonha. (Voz alta). Eu não devia ter dito isso, ele não entendeu, não era frequência...era...

FILHO - Eu sei.

VERDUGO (Voz comovida e alta) - ... mas alguém tem de ser verdugo, se não fosse eu seria outro, eu achei que ser verdugo era ser humilde como eu sou, você compreende?

FILHO - Não fica assim, pai. Eu sei.

VERDUGO - Você não sabe. No fundo, você não entende o seu pai, não é?

FILHO - Não é isso...é que...

VERDUGO - Fala.

FILHO (Lentamente) - É que o senhor, o senhor é forte mas parece também ser delicado, delicado para ser o que você é.

VERDUGO (Tom suave) - Delicado... (Tom angustiado) delicado, sim. (Pause) Tudo me entra no peito. Tudo, você entende? Eu olho as gentes, as pessoas, e eu sinto piedade das pessoas.

FILHO - Desse homem também?

VERDUGO - Esse homem é diferente. Não é piedade. (Pause). E quando eu era como você, filho, eu me levantava muito cedo e ficava um tempo olhando a rua.

FILHO - Olhando o que na rua?

VERDUGO - Olhando. Algumas pessoas passavam, iam para o trabalho, e eu pensava, meu Deus...

FILHO - O que pai?

VERDUGO - Eu sentia uma pena das gentes... e de repente passava um cachorro... e de repente eu olhava, sebe, naquela casa, havia uma planta, uma primavera que tentava subir o muro... e eu sentia piedade...

FILHO - Da planta?

VERDUGO (Muito comovido) - No início eu pensei que fosse só a emoção de estar vivo, você compreende? Eu pensava: (tranquilize-se um pouco) é, eu me comovo com a vida, com tudo o que está vivo, é isso. (Emocio





na-se novamente). Mas depois essa coisa foi crescendo e até hoje... e até...  
se, uma parede muito gasta me comovia... e até...

FILHO - Até o que pai? (Pausa).

VERDUGO - Um osso, meu filho. Um osso me comovia. (Lentamente) em voz baixa). Não só a vida. A morte, e cinze das coisas, o vazio me comovia.

FILHO - Meu Deus, pai. (Rumores lá fora).

VERDUGO - É como eu sou, voce compreende? Eu tentei... rumores mais altos lá fora. Desesperado). Nos precisamos sair daqui.

VERDUGO - É como eu sou, voce compreende? Eu tentei... (rumores mais altos lá fora. Desesperado). Nos precisamos sair daqui.

FILHO - Olha, encosta a mão na minha boca. Talvez eu consiga desamarrar o senhor. (O verdugo, aproxima-se do filho, arrestando-se. O filho tenta com os dentes, desfazer o nó da corda. Rumores lá fora, passos)

VERDUGO - Você está ouvindo? alguém já sabe. Dê um jeito nisso, meu filho. Eu vou lá, eu vou falar com o povo. (Rapidamente entusiasmado). Eu salvo o homem, e enquanto eu estiver lá voce vai até o vele, prepara o barco perto do rio mas não fala com aqueles... eles agora são capazes de não entender mais. Me espera no barco, entendeu? Eu vou até lá com o homem. Você está conseguindo? Vamos, meu filho (O filho tenta desesperadamente). Todo mundo vai me ajudar, eles nunca viram, um homem assim, eles gostam do homem, eles gritavam a vida! A vida! (Pausa). Você não está conseguindo? Filho por favor, (Passos apressados lá fora, uma frase: "Mas é agora?") Eles não vão tocar o sino. Não vão. Mastodo gundo vai acordar, tenha certeza. Quando eu voltei hoje, eu vi a porta da igreja fechada... será que... que o padre não está lá? Será que... não, não é isso, deve ser uma outra coisa.

FILHO - Pronto, pronto, eu coneguei. ( O verdugo desamarra rapidamente os próprios pés e desamarra o filho. Corre até a porta).

VERDUGO - Eles trancaram, mas a gente arreventa. (Arreventam a porta com o próprio corpo). Vai, faz como eu te disse.

FILHO - Tome cuidado pai.

VERDUGO - Corre, corre ("black-out"). Rumores que vão crescendo. Frases na rua: "O que foi?" - "Ven depressa" - "Não tem tempo").

\*\*\*\*\*

## II ATO

### Cenário:

Pequena praça. Patíbulo. Força. Semi-obscuridade. Sombras. Frases inaudíveis em tom crescente. Os juizes entram apressadamente, sobem no patíbulo. Atrés dos juizes vem a mulher do verdugo, a filha, o noivo. Atrés da filha e do noivo, segurando o homem, o carcereiro. Seis cidadãos agitados, atrés do homem e do carcereiro. O carcereiro ajuda o homem a subir no patíbulo. A mulher também sobe. A filha e o noivo ficam separados de cidadãos, num canto próximo ao patíbulo. O homem está coberto pelo capuz branco.

CIDADÃOS ( superpondo frases)-

Meu o que é isso?  
AINDA é noite.



Nem tocaram os sinos  
Isto é proibido.  
É safadeza.  
É só depois de amanhã.  
Ainda tinha tempo.  
Chit!Chit!  
Mas é noite.

JUIZ VELHO - Tenham calma. (Rumores continuam).

JUIZ JOVEM - Calma, meus amigos. Nos vamos explicar.

VOZ DE UM CIDADÃO - Mas é noite ainda.

CIDADÃO 1 para o 4 - Manda tocar o sino.

CIDADÃO 2 para o 4 - E chama o padre. Ele dá um jeito nisso.

CIDADÃO 3 para o 4 - Avise minha gente.

CIDADÃO 4 (Impaciente) - Ah, eu não sou daqui. Eu quero ver.

FRASES SE SUPERPÕEM -

Mas assim ninguém fica sabendo.

Quem não tá aqui é porque não quer ver.

Com esse barulho todo mundo já sabe, mas ninguém quer vir.

Deu um cagaço na turma.

FRASE BEM AUDÍVEL - É o padre?

FRASE BEM AUDÍVEL - Acho que hoje ele foi até o vale. No esilo.

JUIZ JOVEM - Escutem, só um instante, só um instante.

CIDADÃO 5 - Deixe a Excelência falar. (Vão silenciando aos poucos).

JUIZ VELHO - Senhoras... a lei precisa ser cumprida (Frases dos cidadãos:  
"Mas o homem não fez nada" - "Ele só falava" - "Você entendia?" - "Era  
só depois de amanhã").

JUIZ VELHO - Esperem um pouco. Nos vamos explicar. (Rumores silenciam).  
O verdugo não pode esperar até a amanhã. Tem outros serviços logo da  
qui. É tão importante quanto esse. (Frases dos cidadãos: "O outro que  
espere" - "A morte vem quando tem de vir").

JUIZ JOVEM - Mas a lei precisa ser cumprida.

CIDADÃO 1 - Mas que o homem fez?

CIDADÃO 5 - Falem o que ele fez.

CIDADÃO 6 - É, ninguém explica.

JUIZ VELHO - Ele já foi julgado.

CIDADÃO 5 - Mas ninguém entendeu o que a a Excelências disseram. Foi uma  
fala enrolada. (Frases: "Nos queremos saber direito" - "Claro". Ru-  
mores).

JUIZ JOVEM - O homem enganou vocês. Colocou vocês contra a lei. Agitou.

CIDADÃO 5 - É bom a gente agitar um pouco. Desempene. (risos).

JUIZ VELHO - Silêncio, por favor.

JUIZ JOVEM - Vocês não viviam em paz? (Frases: Paz é no enterro - Mas não  
é durante, só com a terra por cima").

CIDADÃO 5 (Para o juiz) - Que paz? (Uma frase: "Na minha barriga é que t  
tem muita paz". Risos).

CIDADÃO 1 - O homem é bom.

CIDADÃO 2 - Queris ajudar.



JUIZ VELHO - E ele ajudou?

JUIZ JOVEM - Deu comida? Deu roupa pra vocês?

CIDADÃO 3 - Ele é pobre como a gente

CIDADÃO 6 - Ele disse que é preciso mostrar a cara de bicho.

JUIZ VELHO - E vocês são bichos por acaso?

CIDADÃO 5 - Era figuração.

CIDADÃO 1 para o 5 (empurra-o para o patíbulo) - Vai, faze voce, sabe explicar. (O número 5 sobe no patíbulo. Entra o verdugo correndo).

VERDUGO (Gritando) - Parem! Parem! (A família e os juizes entreolham-se)

CIDADÃO 5 - O verdugo. (Olhem para todos, para o verdugo e para a mulher verdugo):

CIDADÃO 1 (Apontando para a mulher-verdugo) Mas o verdugo está aí.

CIDADÃO 3 (Apontando para o verdugo) - Mas esse é que é o verdugo.

VERDUGO (Para os cidadãos, apontando os juizes) - Eles enganaram vocês. É a minha mulher que está aí. (Silêncio).

CIDADÃO 6 (Para a mulher) - Tira o capuz! Tira o capuz! (A mulher tira o capuz).

CIDADÃOS - A mulher! É mesmo a mulher! Sai daí de cima! Sai. (Os juizes fazem com que a mulher fique. Ruídos).

JUIZ JOVEM - Esperem, nós podemos explicar. (O verdugo fica no meio dos cidadãos, tentando convencer uns e outros).

CIDADÃO 5 - Mulher não pode ser verdugo. (Frase solta: "A minha bem que podia". Algum riso. Ruídos).

JUIZ VELHO - Esperem, nos queremos ser honestos com vocês. (risos mais audíveis). Escuten, escutem, se nos não cumprirmos a lei agora, amanhã voce é que serão mortos. (Frases: Nos? - Mortos? - Por que?)

VERDUGO (Exaltado) - É mentira, é mentira.

CIDADÃO 5 (Para os juizes) Por que a mulher está aí? (Frases dos cidadãos: É isso mesmo - Isso não pode - Por que, hein?).

JUIZ JOVEM (Apontando para o verdugo) - Esse homem não pode mais ser verdugo. Não tem mais coragem.

VERDUGO (Exaltado) - Mentira.

JUIZ VELHO É verdade. Ele não tem mais coragem.

CIDADÃO 5 - Ninguém vai matar ninguém aqui (Frases dos cidadãos: "Soltem os homens" . Aproxime-se mais do patíbulo. Para os juizes). Soltem o homem!

JUIZ JOVEM (Dando a alguns passos à frente) - Vocês serão todos mortos. Mortos. (Os cidadãos estaqueiam. Para o outro juiz). Mostra o papel. (Alguns cidadãos recuem).

CIDADÃO 5 - Que papel?

JUIZ JOVEM (Para o velho) - Mostra.

JUIZ VELHO (Tirando um papel do bolso da toga) Nos vamos ler o que teria de ser lido em caso de extrema necessidade. (Desdobra o papel).  
Senhores, este é um documento dirigido a nos, os juizes. (Começa a ler). As autoridades esperam que o lúcido critério de Vossas Excelências torne possível a execução do homem, dentro de um prazo mínimo. Como é nosso dever <sup>proteger</sup> o povo, zelar por suas vidas...



CIDADÃO 5 - Olha aí eles não querem a nossa morte.

JUIZ JOVEM - Esperem, vamos continuar.

JUIZ VELHO - Como é nosso dever proteger o povo, zelar por seus vícios, estender-lhe a mão...

CIDADÃO 1 - ( Interrompendo, apontando o próprio traseiro) - Nesse direção? (Risos prolongados).

JUIZ VELHO - Silêncio... (continua a ler)... lutar contra toda espécie de ameaças, sejam elas sutis ou definidas...

CIDADÃO 1 (Interrope) - Já começou a fala enrolada, o que quer dizer... comoé, como é ?

CIDADÃO 5 - Sutil

CIDADÃO 3 - O que é isso?

JUIZ VELHO - Ameaça é perigo.

CIDADÃO 4 - E sutil?

JUIZ VELHO - Um perigo que é difícil explicar de onde vem.

JUIZ JOVEM (Aponta para o homem) - Esse homem é um perigo sutil

CIDADÃO 4 - Por que ninguém sabe de onde ele vem?

CIDADÃO 5 -Ele vem de algum lugar e isso basta. De longe.

CIDADÃO 2 - Longe é jogar nenhum.

JUIZ VELHO (Impeaciente) - Mas não é isso! Não é isso!

CIDADÃO 5 - Deixa pra lá Excelência, continue.

JUIZ VELHO (Continua a ler) - ... aguardamos o cumprimento da nossa vontade o mais breve possível. Não queremos ódios, nem inquietações, que remos apenas, ajudados pela mão de Deus, transformar a confusão dos homens em paz, em justiça. Se não derem cumprimento à nossa vontade a vila terá merecido castigo. (Levanta a cabeça) . E o merecido castigo é a morte.

CIDADÃO 5 - Isso não está escrito aí.

JUIZ VELHO - Mas eu sei o que eu digo.

CIDADÃO 1 - Aí fale em amor.

CIDADÃO 2 - O homem também falava em amor.

CIDADÃO 4 - Todo mundo fala em amor, mas ninguém resolve o problema da gente.

CIDADÃO 5 - Não chora de barriga cheia. E a Lucinda? (Risos).

VERDUGO - Por favor me escutem, não deixem matar o homem.

FILHA (Grita) - Chega pai, chega.

CIDADÃO 1 - É a filha. (Rumores).

FILHA (Subindo no patíbulo) -Olhem o meu pai está doente.

CIDADÃO 5 - Mentira. Ele tá muito bem.

FILHA - Quem disse mentiras foi o homem.

CIDADÃO 5 - Por que?

CIDADÃO 1 - Ele falou em amor como nesse papel.

CIDADÃO 2 - Então as autoridades também mentem?

FILHA (Aflita) - Mas amor...( Não sabe o que dizer mas lembra-se da fala do juiz. Olha para o juiz jovem)...comedimento.

CIDADÃO 6 - E o que é isso?

JUIZ JOVEM (Adiantando-se) -É não fazer coisas violentas.



CIDADÃO 5 - E meter o homem não é uma coisa violenta?

FILHA - Mãe o amor tem dois jeitos de ser.

CIDADÃO 3 - Qual é o jeito, hein? (risos)

FILHA (Com reiva) - A gente deve estar aqueles que nos confundem.

CIDADÃO 2 - Todo mundo é confuso.

FILHA - Vocês entendiam o que ele falava?

CIDADÃO 5 - Entendia, sim. Ele falava da alma.

FILHA - Mas o corpo é que interessa.

VERDUGO - O que ele falava era verdade. Ainda que fosse daqui há muito tempo.

FILHA (Para os cidadãos) - E a barriga de vocês aguenta muito tempo? (rumores. Olhe para os juizes e, de repente, enquanto os rumores continuam, ele parece descobrir a fórmula para vencer os cidadãos). Olhem (refere-se ao homem), ele queria é que a gente não prestasse atenção no problema de agora. Flando pra daqui há muito tempo, a gente pensa nesse tempo que importe. (Silêncio. Um certo rumor).

CIDADÃO 1 - Como é? Como é que voce disse? (Frasas: "Vocês enotndou?" - Deve ser assim - Cochicham. Os juizes se entreolham. A mulher do verdugo está rígida, de olhar ativo quase todo o tempo).

CIDADÃO 2 - O homem era contra nos, então?

CIDADÃO 4 - Flava do jeito que falava pra gente não pensar na barriga de hoje?

FILHA - Assim mesmo.

CIDADÃO 5 (Para a filha) - Explica isso direito.

FILHA - É muito fácil de entender.

VERDUGO - Não é nada como ele disse... é...

CIDADÃO 5 (Interrompe) - Espere um pouco, voce. (Para a filha). Anda. Fale.

FILHA (Para os cidadãos) - Se a gente está morrendo, cheio de dor mesmo, e vem o padre... isso (Para o 5) te alivia?

CIDADÃO 5 (sem entender) - O que?

FILHA - O padre te alivia a dor? (Rumores).

CIDADÃO 5 - Não... não o padre não alivia a dor. (Rumores).

FILHA - E voce não deixa de morrer porque o padre veio, deixa?

CIDADÃO 1 - Se chegou a hora da gente, não. (Rumores).

FILHA - Mas enquanto o padre está por pqr perto voce pensa que está aliviado, não é?

CIDADÃO 5 - E daí?

FILHA (Apontando para o homem. Voz muito alta) - Esse homem é como um padre na hora da morte. Só isso. Mais nada. (Silêncio completo).

CIDADÃO 5 (Irritado) - Mas que mulher enrolada, poxe. Parece até uma bobina. Eu já nem sei o começo da conversa. (Os outros cidadãos concordam). Escutem, vamos fazer uma coisa.

TODOS OS CIDADÃOS - Fale, fale.

CIDADÃO 5 - O que é que vocês acham do homem? (rumores. Aponta o número 1). Voce aí. O que é que voce acha?



- CIDADÃO 1 - Bom eu acho.. que mais ou menos o homem falava coisa certa.
- CIDADÃO 5 - O que por exemplo?
- CIDADÃO 1 - Ele falava que preciso conhecer o que mais nos oprime.
- CIDADÃO 2 (Aponta os juizes) - E a gente não conhece?
- CIDADÃO 6 - Mais será que é isso?
- CIDADÃO 3 - Se era isso, não adianta.. Eles não estão sozinhos. A coisa vem de cima.
- CIDADÃO 4 - E a gente não pode chegar e tá lá.
- CIDADÃO 3 - Então p que ele falou não adianta.
- CIDADÃO 2 - Mas pera mim ele deu alegria
- CIDADÃO 3 - Também não precisa muita coisa para te alegrar (risos).
- CIDADÃO 5 - Deixe ele falar.
- CIDADÃO 2 - He deu esperança. Esperança é alegria.
- CIDADÃO 5 - Esperança de que? Explica.
- CIDADÃO 2 - De que um dia os homens vão ser bons. (Rumores de descrédito "Um dia! Um dia!").
- FILHA - Não adianta voces fazerem isso, ele já foi julgado. (Os juizes dão sinais evidentes de impaciência).
- CIDADÃO 5 - Mas está sendo julgado de novo, dona. Fica quieta.
- CIDADÃO 4 - Pra mim ele me deu vontade de matar. (Rumores mais audíveis)
- FILHA - E quem de vontade de matar é bom?
- CIDADÃO 1 - Eu só tive vontade de matar quando olhei a cara daquele que matou os menininhos.
- CIDADÃO 2 - Isso é outra coisa.
- CIDADÃO 3 - A vontade de matar é a mesma. Matar é uma coisa só.
- CIDADÃO 5 (para o 4) - Me spor que é que ele te deu vontade de matar?
- CIDADÃO 4 - Porque eu entendi muito bem o que ele dizia. Mostrar a cara de bicho não é tudo, porque o bicho também tem garra...
- VERDUGO - Mas o homem não fez de garra...
- CIDADÃO 5 (Para o verdugo) - Ninguém te perguntou nada ainda.
- CIDADÃO 3 (Para o verdugo) - E se voce é bicho e tem cara e tudo de bicho, voce só mostra a cara?
- JUIZ VELHO - Me escutem um pouco, por favor, me escutem . Tudo isso não vale nada. Julgar um homem não é simples assim. Vocês querem saber? Com pouca palavra? É isso: Tudo é como uma roda girando há muito tempo. Às vezes estanca no alto, às vezes não.
- CIDADÃO 5 - Isso é bem simples. Mas voces é que estão no alto há muito tempo.
- JUIZ VELHO - E os outros estão mais alto do que nos.
- JUIZ VELHO - Se voces não matem ele agora, os outros de cima vão matá-lo de qualquer jeito.
- CIDADÃO 5 - Nos podemos deixar o homem fugir.
- VERDUGO -Isso não tem sentido.
- CIDADÃO 3 - Não adianta... Ele foge... e nos ficamos?
- JUIZ VELHO - Voces no lugar dele. (Silêncio prolongado).
- VERDUGO (com determinação) -Eu fico no lugar dele. Eu não me importo.
- CIDADÃO 5 - O teu negócio não é morrer, é matar.

- VERDUGO - Escuten, meu filho está novale, perto do rio. Eu levo o homem  
até lá. O homem foge, eu volto. E fica tudo em cima de mim.
- FILHA - O senhor não pode fazer isso, pai, pense em nos.
- CIDADÃO 6 - Ele não volte, ele vai se safar.
- VERDUGO - Eu volto p r Deus, eu volto.
- MULHER (Seca) - Pense em mim homem.
- VERDUGO (Para a mulher) - Você está pensando no dinheiro. Não em mim. (P  
(Pausa).
- CIDADÃO 5 - Dinheiro (Frases se superpondo: "Qual dinheiro?" - Ah, tem di  
nheiro no negócio" - "Eu sabia teve muito complicado" - Assim não).
- FILHA - O meu pai está doente, não sabe o que diz.
- CIDADÃO 5 (Para o verdugo) - Ele sabe muito bem o que diz. Qual é o di -  
nheiro?(Pausa). Que dinheiro é esse?
- VERDUGO (olhando para a filha) - As Excelências me ofereceram dinheiro  
se eu matasse o homem. (Todos olham para os juizes).
- MULHER (Seca) - Não foi assim.
- CIDADÃO 3 (Referindo-se à mulher) - Por isso ele resolveu fazer o serviço  
(Rumores).
- JUIZ JOVEM - Silêncio, or favor. (Pausa). Oferecemos, sim. Oferecemos di  
nheiro para salvar vocês.
- CIDADÃO 3 - E dar dinheiro para o verdugo nos salva?
- CIDADÃO 5 - Salva ele.
- CIDADÃO 3 - Mas quanto é esse dinheiro?
- FILHA - (Desesperada) - Pai, olhe o que voce fez.
- CIDADÃO 3 - Deve ser muito para ela ficar assim.
- CIDADÃO 5 (Para o verdugo) - Quanto é que é, vamos.
- FILHA - Voc e vão querer o dinheiro, isso não.
- CIDADÃO 6 - E se o teu pai não quer o que é que tem?
- CIDADÃO (Para a filha) - É muito dinheiro? D<sup>o</sup> sem bucha logo.
- MULHER (Olhando o verdugo que está desesperado) - Doze... treze milhões.  
(O verdugo tem as mãos no rosto e olha para todos sofredamente. Rum  
res de espanto, silêncio, umas frases soltas: "Mas isso não é direi  
to nem o verdugo quiz o dinheiro.")
- CIDADÃO 5 - E vocês sabem se eles vão dar o dinheiro pra nos?(Apontando  
para os juizes). (Silêncio expectativa tensa).
- JUIZ JOVEM - Damos o que for preciso.
- JUIZ VELHO - Talvez um pouco mais... se é pra tantos. (Cidadãos entreolha  
lham-se. Silenciam).
- CIDADÃO 3 - A gente faz um negócio onde entra todos. (rumores. Cochicham  
com o número 5).
- CIDADÃO 5 (Para os juizes) - A gente recebe o dinheiro logo?
- JUIZ JOVEM - Assim que o homem morrer
- VERDUGO (Desesperado subindo ao patíbulo) - O homem é bom, gente. Cihem  
bem pra ele.
- CIDADÃO 1 - A gente não ve mais a cara. (Risos).
- CIDADÃO 3 - Eu não em lembro de cara dele. (O verdugo aproxima-se do ho  
mem e tenta tirar-lhe o capuz. É imediatamente contido pelo carcerei





ro).

CARCEREIRO - Não é permitido tirar esse capuz. O senhor não pode fazer isso.

VERDUGO (Para os cidadãos, voz muito alta) Mas vocês não queriam matar o homem! Um de vocês gritou! A vida! A vida! O carcereiro ouviu. (Para o carcereiro). Conta. (Para os cidadãos). Foi um deles.

CARCEREIRO - Eu não sei ou não sei certo não. Acha que era voz de mulher.

CIDADÃO 3 - Foi coisa de mulher, sim.

VERDUGO - Mas vocês disseram que o homem era bom.

CIDADÃO 1 - O homem parecia bom, mas a tua filha falou que ele falava do jeito que falava quer era pra gente não pensar na fome de hoje. E isso é verdade?

VERDUGO - Mas é tudo mentira, ele falou assim por causa do dinheiro.

CIDADÃO 3 - Mas que raiva que você tem do dinheiro, hein, velho?

JUIZ JOVEM - O homem esteve sempre contra vocês. Qualquer um que põe o povo contra as autoridades está contra vocês.

VERDUGO - (Para os cidadãos) - Mas pensem, pensem... se oferecerem dinheiro...

JUIZ JOVEM - Ofereceram dinheiro para que vocês se animem a nos ajudar.

JUIZ VELHO - Com dinheiro é mais fácil um ajudar o outro.

CIDADÃO 3 - Sempre se oferece o dinheiro pela cabeça de um louco.

VERDUGO - Mas esse homem não é louco. Ele quis ajudar.

JUIZ JOVEM - Com palavras?

JUIZ VELHO - A palavra é de pedra não ajuda ninguém.

VERDUGO - Mas gente! Ofereceram dinheiro foi pra mim, não pra vocês. Eles não queriam ajudar nada.

CIDADÃO 6 - E você não quis por que? A tua barriga tá mais cheia que a nossa?

VERDUGO - Porque não era justo. Não era justo (tom suplicante) Vocês não queriam.

CIDADÃO 1 - É que era fácil de entender homem. Todo mundo fala de um jeito difícil, a gente se estrepalha. (Aproxima-se um pouco do patíbulo)

VERDUGO - Ninguém toca no homem, ninguém toca. (Aponta o número 2). Você que disse que o homem te deu esperança, chame o padre.

CIDADÃO 5 - O padre deve ter ido até o vale. Foi no esilo daquele les. E quando ele vai pra lá ele fica a noite inteira. (O verdugo olha desoladamente ao redor, como se procurasse alguém).

MULHER (Para o verdugo) - Homem, agora é demais. Deixe eles fazerem o que é preciso. Você tem a mim e a seus filhos. Deixe o homem morrer a morte dele.

CIDADÃO 2 (para o verdugo) - Ah, vai lá, faz o teu dever.

MULHER (Para o verdugo) - Faz o teu dever. (O verdugo protege o corpo do homem com seu próprio corpo. O carcereiro tenta empurrá-lo, mas é violentamente empurrado pelo verdugo).

CIDADÃO 3 - Mas afinal, esse homem é teu parente ou o que é? Você prefer

ele a nos. (Rumores). Olhe, nos vamos fazer uma comunidade onde todo mundo vai entrar e melhorar de vida. Com esse dinheiro que oferecerem, todos vão trabalhar e encher a barriga. Você também não tem filha? A moça (aponte a filha) não vai casar com aquele ali? (Aponte o noivo).

NOIVO - E eu estou sem emprego. Ajudava muito.

VERDUGO (Voltando para o homem, emocionado) - Fala, homem de Deus. Explica pra todos quem você é.

JUIZ VELHO - Ele não tem mais o direito de falar.

JUIZ JOVEM - Fala lei, ele está morto.

CIDADÃO 3 - É de qualquer jeito, ninguém vai entender o que ele fala.  
(Para o verdugo). Anda logo com isso. (Expectativa. Silêncio).

HOMEM (lontamente) - Eu não soube dizer. Eu não soube dizer como devia. Eu não me fiz entender. (Para o verdugo). Faz o teu serviço. (Silêncio completo).

VERDUGO (Para o homem) - Eu não posso. Eu não posso.

CIDADÃO 5 - Então sai daí. (Entra correndo para o filho do verdugo).

CIDADÃO 1 - Olhe o filho dele. (O filho para, olha em torno, olha para o pai).

CIDADÃO 6 - Esse é o filho?

VERDUGO (Para o filho) - Volta! Volta! (O filho tenta aproximar-se do pai)

CIDADÃO 5 - Não deixem o moço chegar perto, ele vai strapalhar. (O carcereiro segura o filho).

FILHO (Desesperado) - Pai, o que foi? O que foi?

CIDADÃO 3 - Fica quieto, moço. O seu pai já tem muita obrance, fica quieto. (O filho tenta chegar perto do pai mais uma vez).

CIDADÃO 5 (Para o carcereiro) - Segura forte, ele vai dar trabalho.

CIDADÃO 6 (Para o verdugo) - Faz logo o serviço, anda. (Cidadãos todos juntos: vai, vai, vai, vai).

VERDUGO (Ajoelhando-se) - Pelo amor de Deus, não matem o homem. Olhem eu posso explicar...ele apertou a minha mão...quando...

CIDADÃO 5 - Ah, sei daí, esse não. (Risos).

VERDUGO (Completamente emocionado e frágil) - Ele tem os olhos de um cavalo que um dia... uma cavalo...

CIDADÃO 2 - Chi...o homem tá ruim de hale. (O filho do verdugo abaixa a cabeça, parece chorar).

CIDADÃO 3 - Ele gemou pelos olhos do outro. (Risos).

FILHA - Vem, pai, sai daí, vem.

CIDADÃO 5 - Não, ele vai fazer o serviço.

MULHER - Ele vai é pra casa, vem. (Tenta puxar o marido).

CIDADÃO 5 (Empurrando a mulher) - Não, agora ela vai ficar e fazer o serviço.

VERDUGO (Recompondo-se) - Eu não faço. Eu merro mas não faço.

CIDADÃO 6 - Tira ele de lá.

CIDADÃO 2 - O homem ficou louco.

FILHO (Desesperado, voz baixa) - Pai, meu pai. (A mulher tenta novamente aproximar-se, mas é empurrada. A filha tenta aproximar-se. O noivo está





tá quieto no mesmo canto).

CIDADÃO 5 (Para a filha) - Vai saindo. Vai saindo, moça.

FILHA (Voz alta, exaltada) - Eu disse, ele está doente, não façam nada com ele. (Olha para os juizes. Os cidadãos aproximam-se perigosamente do patíbulo. Os juizes descem. Nesse instante entram na praça os dois homens-coiotes. Estão vestidos de seguinte maneira: calça e camisa comuns. Cabeça e rosto de lobos. Mãos para trás. Ficam de frente para o público, examinam o público fixamente e depois voltam as cabeças em direção ao patíbulo. Tem-se a impressão de que não foram vistos por nenhum dos cidadãos, nem pelos juizes, etc. Apenas o filho do verdugo dá a impressão não só de que os conhece, mas de que os espera).

VERDUGO (Protegendo o homem com seu próprio corpo. Com determinação) - Ninguém chegue perto.

CIDADÃO 5 - O homem tem de morrer. Vamos, vai andando (entra em luta com o verdugo, os cidadãos estacam em conjunto, o filho tenta escapar das mãos do carcereiro, mas não consegue. Frases: "Mata logo o homem" - "Mata do nosso jeito").

VOZ DO VERDUGO (Com intensa comoção) - Não. Não. Eu morro mes (frases: "Então morre. Começam a dar pauladas no homem e no verdugo. Cena de intensa violência. Frases soltas: "Dá uma no olho de cavalo" - "Toma voce também seu porco". Terminam a chacina. Recuem vagarosamente. Silêncio esticado. Desce do patíbulo. Vê-se o homem e o verdugo lado a lado, mortos).

JUIZ VELHO (Quebrando o silêncio) - Nós não queríamos que fosse assim. (Mulher, filha e noivo se unem amedrontados, num canto. O carcereiro solta o filho e este sobe no patíbulo e olha para o verdugo, estarrecido).

CIDADÃO 5 - É...mas foi assim. (Vai saindo).

CIDADÃO 3 - Agora já acabou. (Vai saindo).

CIDADÃO 5 (Para, olha para os juizes que também vão saindo) - Daqui há alguns nos passamos por lá.

JUIZ VELHO - Está bem.

JUIZ JOVEM (Para o juiz velho) - Eu não aguento mais esta roupa.

JUIZ VELHO - É muito difícil de aguantar. (Soem).

CIDADÃO 1 (Passando pelos homens coiotes, para o cidadão 2) - Esses quem são?

CIDADÃO 2 - Parece que é gente que mora no vale.

CIDADÃO 1 - Eles tem uma cara diferente da nossa... (param um instante, mas não chegam perto)...um olho...

CIDADÃO 2 - Um olho que atravessa. E dizem que não são esquisitos. Dizem que quando eles falam, a boca se enche de sal.

CIDADÃO 1 - São estórias. (Soem. A mulher, a filha e o noivo começam a arrastar o corpo do verdugo para fora da cena. Param um instante e olham o filho do verdugo. Este último fica imóvel, olhando para os homens coiotes. Em seguida olha nele última vez o corpo do pai, ainda em direção aos homens, encara-os).

FILHO (Para os homens coiotes, objetivo) - Vamos.

(Os homens-coiotes atravessam a pequena praça junto com o filho do verdugo. Quando estão saindo, um foco de luz violenta incide sobre as mãos dos homens-coiotes. As mãos estão cruzadas na altura dos rins e deve ser visto claramente que são patas de lobo, com grandes garras).

FIN

